

Vocabulário das ruas na caderneta de um escritor

Vanise Medeiros, Universidade Federal Fluminense, Brasil¹

Resumo: O objetivo deste trabalho, que se inscreve em uma pesquisa em História das ideias linguísticas na articulação com a Análise de Discurso, é analisar o funcionamento do glossário do escritor brasileiro João Antônio.

Palavras-chave: glossário, escritor, história das ideias linguísticas, análise de discurso

Abstract: The main objective of this work, which is part of research of the History of Linguistic Ideas in conjunction with Discourse Analysis, is to investigate the functioning of the glossary of the Brazilian writer João Antônio.

Keywords: Glossary, Writer, History of Linguistic Ideas; Discourse Analysis

Introdução

Glossários para livros de literatura se fazem presentes na história do Brasil desde colônia de Portugal até contemporaneamente e são produzidos por diferentes posições discursivas: do lexicógrafo, do filólogo, do gramático, do escritor e mesmo do editor. Trata-se de diferentes gestos sobre o fazer do escritor com distintos efeitos discursivos. Neste artigo, está em foco o glossário para livro de literatura produzido pelo escritor, ou seja, aquele elaborado pelo escritor sobre sua escrita. Isto significa pensar saberes sobre a língua constituídos pelo escritor e considerar o fazer literário como saberes sobre a língua em se fazendo memória da e na língua, e dizendo da inscrição do sujeito na língua.

O objetivo deste artigo, que faz parte de uma pesquisa sobre glossários em História das Ideias Linguísticas (Auroux, 1992) na articulação com a Análise de Discurso (Pêcheux, 1998; Orlandi, 2001, 2012), é analisar o funcionamento de um glossário específico: aquele feito pelo escritor brasileiro João Antônio. Este trabalho se compõe de duas partes: primeira, em que se dará saber sobre glossários, sobretudo a historicidade do engendrado da posição discursiva do escritor; segunda, em que se procederá à análise do funcionamento do glossário de João Antonio, marcando a singularidade de seu gesto.

II. Da historicidade dos glossários pelo escritor

A história dos glossários é deveras antiga. Consoante Auroux (2008), eles se originam das listas de palavras, que são uma das primeiras formas de escrita de saber sobre a linguagem. Serviam para decodificar e compreender textos antigos a serem decifrados ou uma língua outra. Advinham da posição-sujeito lexicógrafo incidindo sobre uma posição-sujeito escritor. Eles podiam vir à margem do texto ou dentro dele. Eram, portanto, dependentes do texto e a eles serviam. Faziam parte de algum modo de seu corpo como uma cicatriz na escrita daquilo que se costurou a partir de um lugar outro, ou seja, marcava-se no corpo do texto um discurso outro cuja função era explicar, compreender. Nesse sentido, o glossário indicava o descompasso entre texto e leitor, mas também entre discursos e línguas.

Os glossários que venho analisando, elaborados pelo escritor para seus escritos, inscrevem-se numa memória sobre o dizer a língua e da língua em solo brasileiro e em uma memória sobre o fazer tais glossários em solo brasileiro. Têm, portanto, condições outras de produção. Em duas palavras, a historicidade dos primeiros glossários brasileiros é distinta da europeia, em que os glossários nasceram do

¹ Bolsa Produtividade CNPq. JCNE FAPERJ. Bolsista da CAPES- Proc. BEX 4175/13-1.



texto escrito. No Brasil, conforme Nunes (2006), eles nasceram de relatos dos viajantes, ou seja, do registro da oralidade. É só com a produção literária no século XIX que se tem:

a confecção de pequenos glossários apensos aos romances, que descreviam e justificavam o uso de alguns vocábulos ou de neologismos. Esses pequenos léxicos são lugares onde se contestam as omissões dos dicionários portugueses. (Nunes, 2006, p. 218)

Ele traz como exemplo a produção de José de Alencar, escritor do século XIX, que compôs glossários para seus romances, para mostrar o trabalho do literato no processo de legitimação do português do Brasil. Do que lemos em Nunes, podemos fazer algumas observações importantes: glossários de literatura não têm uma longa história no Brasil e nascem de uma tensão com a língua portuguesa de Portugal. Com nossas pesquisas, acrescentamos que eles podem ter outras funções além da compreensão do texto: servem à escrita do escritor, como é o caso deste que vai ser mostrado, e revelam tensões na língua no espaço nacional. É preciso explicar esta última observação.

A unidade imaginária da língua nacional não se fez e nem se faz sem diferenças em relação a Portugal e diferenças internas que buscam salientar o que seria próprio do brasileiro. Estas nem sempre funcionam como metonímias do nacional; por vezes são “contraditoriamente excluídas do nacional por serem significadas como desvio, incorreção, vício, patologia” (Medeiros, 2012, s/n). Trata-se do que já foi apontado em outro trabalho (idem) como dentro-fora da língua, isto é, uma posição de pertencimento proscritivo: aquilo que não deve fazer parte – embora faça – por deturpar ou corromper a língua. Os glossários mostram, então, muitas vezes a luta pelo pertencimento à língua: daquilo que não é e deve pertencer; daquilo que emerge e pelo qual se luta para da língua fazer parte. São vários os movimentos que se inscrevem no gesto que promove um glossário. É um pouco do que vai se mostrar neste artigo.

Glossários para livro de literatura decorrem de um livro ou de uma obra de escritor; como já dito, estão de alguma forma presos ao texto. Neste sentido, para além de constituírem uma metalinguagem como é o caso de qualquer dicionário, funcionam, conforme Authier, como metatexto². Aí se entrelaçam duas posições que diremos discursivas: a posição do escritor – que teceu o texto – e a posição do lexicógrafo – que elaborou o glossário. Esta segunda volta-se sobre o fazer do primeiro como outro duplo fazer, isto é, incide tanto sobre o texto quanto sobre a língua. Sobre o texto, na medida em que destaca o que a partir dele irá compor um glossário, indicando, ao mesmo tempo, que este texto também traz algo sobre a língua, diz da língua. Não deixa, assim, a palavra correr livre no fio discursivo; arranca-a de lá para compor outro texto: um glossário. Faz da palavra do texto um verbete a constar de um glossário. Sobre a língua, uma vez que separa certo número de palavras – não são todas as palavras de um texto que compõem um glossário –, classifica-as e sobre elas propõe sinonímias, definições ou explicações. Assim, ao separar algumas palavras do universo que compõe o livro, diz do limite do pertencimento a uma língua e da forma deste pertencimento. Aponta fronteiras na escrita; diz das partições numa língua (Petri & Medeiros, 2013).

O glossário para livro de literatura toca, portanto, a materialidade da escrita do autor, seu texto, e toca a língua. Seu jogo é duplo: desdobra-se sobre o dizer/fazer categorizando este dizer/fazer escrita.

III. Do Glossário de João Antonio

O glossário em foco é, como já dito, aquele elaborado por João Antonio. Jornalista e escritor brasileiro, João Antonio se tornou conhecido nos anos 60 e 70. Considerado como uma referência da literatura de São Paulo, de sua literatura, urbana, se dizia que dava voz à marginalidade. Em suas cartas, lê-se seu interesse pelos regionalistas dos anos 30 bem como seu desejo por descolar da linguagem nordestina para compor o que seria a linguagem paulistana. Uma de suas questões era poder compor uma fala urbana do: “homem paulistano de determinado grupo” (conforme se lê em sua carta)³. O glossário faz, portanto, parte de um projeto de trazer o que seria próprio do urbano paulis-

² Esta observação adveio de conversa com Jacqueline Authier, em 2014, sobre meu objeto de estudo.

³ Cf. apresentação do livro João Antonio, 2013.

tano intervindo assim, diríamos, na língua posta como nacional de modo a traçar nela um contorno ainda não delimitado.

Em outros termos, diremos que, com João Antonio, o gesto do escritor não se faz sem o gesto do lexicógrafo, o que o inscreve numa prática que se tem desde o século XIX com José de Alencar quando este também produz glossários para seus livros, como já mostramos. No caso de Alencar, conforme Nunes (2006), está em jogo, por um lado, a “legitimidade do artista em relação à sua língua”(idem), por outro, uma tensão em relação ao português de Portugal: Alencar apontava falta de vocábulos nos dicionários portugueses, o que implicava uma “legitimação do português do Brasil”(idem). No caso de João Antonio, a tensão não se dá mais em relação a Portugal, mas ao que é interno e próprio da língua em solo brasileiro.

João Antonio anotava o que ouvia nos papéis que encontrava pela mão e ia compondo assim seu vocabulário, cujo fac-símile foi editado em 2013. Uma caderneta, publicada sob o nome de “Vocabulário das ruas” —apenas o título foi dado pela editora—, com mais de 500 verbetes organizados de A a Z. Apenas internamente não há ordem alfabética; por exemplo, podemos encontrar entradas na letra M com mifo antes de macete.

Feito a mão a partir de um léxico recolhido nas ruas, o glossário denuncia um trabalho cuidadoso e exaustivo na dupla posição escritor-lexicógrafo no incessante jogo de mais dizer sobre a língua na ilusão de tudo poder dizer. Dissemos que com o glossário duas posições se entrelaçam: a do escritor e a do lexicógrafo. Talvez possamos ir adiante dizendo que o glossário denuncia o sujeito cindido, descentrado. Para explicar, é necessário trazer brevemente o campo teórico para em seguida retomar o caso do glossário em foco.

A Análise de Discurso que sustenta este trabalho (Pêcheux, 1988) opõe-se, bem como o campo teórico da História das Ideias Linguísticas (Auroux, 1992), a qualquer visão positivista da linguagem. Tal posição resulta, no caso da Análise de Discurso, na articulação de noções fundamentais na teoria, como a de sentido – entendido como decorrente de condições de produção e constituído na formação discursiva, matriz de sentido⁴ –; a de discurso, como “conjugação necessária da língua com a história” (Orlandi, 1996, p. 52), e daí efeito de sentido tendo a língua como materialidade –; e, a que nos importa, a de sujeito, como descentrado – pela ideologia e pelo inconsciente –, daí posição discursiva.

Voltando aos glossários, estes vêm apensos aos textos – em notas de pé de página ou no final do livro – e deles fazem parte como algo que se acrescenta. Neste sentido, pode-se dizer deles o mesmo que Orlandi (2007) observa sobre as notas: que são “signes de l’incomplétude, fonctionnant comme un ajout”, isto é, as notas “sont des indices de la fuite des sens” (idem) que julga poder controlar com a nota, acréscimo que completaria o texto. Com o glossário, temos um movimento similar: persegue-se o sentido da palavra neste outro objeto que se elabora. O glossário pelo escritor coloca em jogo a ilusão de completude, a partir da qual o sujeito escritor se desdobra em sujeito lexicógrafo na ilusão de tudo dizer... sobre a palavra. Palavra que, com seu gesto, se faz signo autônomo⁵. Podemos continuar, nos apoiando em Authier (2007, 150), que os glossários são “traces de négociation obligée de [...] dire avec leurs hétérogénéités foncières”; marcas da ruptura no dizer que afeta o dizer, na ilusão de saturá-las e na ilusão de, dizendo a mais, tudo dizer.

No Vocabulário de João Antonio, encontramos de forma recorrente sinonímias, definições, explicações, bem como indicações de como usar tal léxico, da proveniência do léxico recolhido e de estrangeirismos. Podemos dizer que, com as sinonímias, está em jogo a ilusão de relação e equivalência entre dois dizeres, não é este, no entanto, o caso da definição ou da explicação: com estes entra em cena a impossibilidade de equivalência entre significantes distintos. No lugar da ilusão de

⁴“A formação discursiva é, enfim, o lugar de constituição do sentido e da identificação do sujeito. É nela que todo sujeito se reconhece (em sua relação consigo mesmo e com outros sujeitos) e aí está a condição do famoso consenso intersubjetivo (a evidência de que eu e tu somos sujeito) em que, ao se identificar, o sujeito adquire identidade.” (Orlandi, 1988: p. 58, que neste trecho também faz referência a Pêcheux, 1988).

⁵ Cabe lembrar com Authier (1998, p. 137) que a “existência da autonomia (...) – essa possibilidade de usar os signos para remeter a eles próprios – é capital para o exercício da “função metalinguística”: é isso que permite sustentar o discurso sobre a língua que as gramáticas, os dicionários contêm – cujas “entradas” são signos autônomos –”.

coincidência entre as palavras (Authier-Revuz, 1998), se inscreve a impossibilidade da tradução por outra palavra: explicar, então, é preciso, é preciso, então, definir.

O que dizem as sinonímias neste Vocabulário? Vejamos:

1. Giz = cigarro
2. Garoto = pederasta
3. Gafifa = gafeira
5. Justa = polícia
6. Mandioca = pênis (chulo)

Dizem de deslizamentos de sentidos: giz para cigarro; diz-se garoto para dizer pederasta, como já apontamos. Dizem da produtividade da língua, que abrevia itens lexicais: gafifa para gafeira. Abreviação que pode se dar também por deslizamento, caso de justa para polícia, em que está em jogo a palavra justiça. Dizem do julgamento sobre o dizer: mandioca como palavra chula. Mas também dizem ainda que a sinonímia não dá conta.... é preciso acrescentar explicação ou definição, como se vê no exemplo a seguir:

7. Dizer = pagar; arcar com a responsabilidade

Os glossários, assim como os dicionários⁶, são lugares de memória na língua. Memória que se entende, discursivamente, como atravessada por repetições, interditos, esquecimentos, deslocamentos e contradições. Memória em que se tece a historicidade do glossário, em que se inscreve gesto de captura da palavra e na metalinguagem que a categoriza. São vários os enunciados-fórmula do definir no dicionário que neste vocabulário encontramos. Uma observação, estamos considerando como enunciado-fórmula aquele fixo que serve a uma escrita definitiva no dicionário e que, deste modo, trabalham uma impessoalidade e cientificidade deste instrumento linguístico, conferindo positividade àquilo que será predicado após o verbete. Alguns dos que se inscrevem na prática nesta caderneta de escritor são: diz-se (em)(de), o mesmo que, aquele que, indivíduo que, expressão que significa. Observemos o caso de diz-se:

8. Castigo = diz-se, na sinuca, quando a bola branca cai na caçapa; derrota, o mesmo que suicídio

Diz-se é neste glossário um recurso recorrente seguido de lugar: “diz-se, em...”. Verbo dizer na passiva indeterminando sujeito; e com ele se tem o interdiscurso atestando sentidos de lugares de fala, sinuca ou prostíbulos (em tais lugares), e indicando a língua que aí está em jogo: da marginalidade, língua dos seus personagens, marcada na sua diferença. Em suma, com ele marca-se o lugar onde se diz.

Diz-se também serve para dizer de alguém. Neste caso, funcionam em paráfrase com aquele que e indivíduo que. Observem-se os exemplos abaixo:

9. Atirador = diz-se na sinuca do bom embocador de bolas
10. Cobra = diz-se, na malandragem, do indivíduo exímio
11. Chupadeira = diz-se, no baixo meretrício, da prostituta que faz sucção do pênis, pratica o curiculinguismo
12. Forte = aquele que é atilado
13. Abonado = indivíduo que possui dinheiro ou boa situação financeira

Com os verbetes definidos a partir destes enunciados-fórmula tem-se a nomeação —atirador, cobra, forte, abonado, chupadeira— que se dá pelo jogo entre substantivação e adjetivação, algo recorrente neste vocabulário. Já a fórmula mesmo que trabalha, por vezes, neste Vocabulário, a remissão interna a outros termos. Observem-se os exemplos a seguir:

14. Queimar = castigo; o mesmo que ripada
15. Ripada = castigo; o mesmo que chá
16. Chá = castigo, o mesmo que ripada

⁶ E remeto aqui para o trabalho seminal sobre dicionário de Horta (2006) e para artigo Petri & Medeiros (2013).

Como se pode observar com os exemplos acima e mesmo o exemplo 8, esta expressão reenvia a palavras do próprio vocabulário e não a um vocabulário exterior. Promove assim um movimento circular no glossário e produz o efeito de autonomia linguística: palavras remetem a outras naquele universo indicando produtividade linguística.

Nem sempre é este o funcionamento de o mesmo que. Em outro trabalho (Medeiros, 2012), em que foi analisado o funcionamento do glossário do escritor Buzzo para seu livro *Favela toma conta*, observamos que lá a palavra marcada era arena de luta. Cabe recuperar um exemplo:

17. (homi) Mesmo que homem ou homens. (Buzzo, 2008)

No exemplo 17, está em jogo uma ortografia, entre outros fatos de linguagem presentes no glossário de Buzzo, que se opõe àquela oficial. Observe-se que a fórmula “mesmo que” trabalha o efeito de equivalência entre dois lugares sociais distintos de fala: língua oficial e língua da periferia [e periferia nas grandes capitais como Rio e São Paulo indica lugar desvalorizado socialmente]. Buzzo e em João Antonio perfazem dois movimentos distintos: naquele lutava-se no corpo da palavra e a fórmula mesmo que também trabalhava tal disputa no dizer; neste, o gesto é de outro lugar, do lexicógrafo de fora que busca capturar a palavra na pretensão/ ilusão de por meio dela mergulhar em outro espaço de dizer. Melhor expondo, em João Antonio, ele serve de introdutor à paráfrase e à explicação sem entrar no jogo de promover uma equivalência entre os dois universos discursivos distintos, como se verificava em Buzzo. Com João Antonio, é como se dissesse: a língua destes lugares é esta e não há equivalência; o mesmo está em jogo com a fórmula “diz-se + lugar”, em que se marca o lugar onde se diz.

Se não há equivalência, diremos que, todavia, os dois lugares estão lá: o que é da marginalidade e o que não é (posto em silêncio). Uma divisão interna da língua em solo brasileiro. Indo adiante, da língua posta como nacional, como atesta o estrangeirismo.

18. Aponto = encontro – de apontamento (inglês)

Acerca do estrangeirismo, importa recuperar que ele, como já dito em outro trabalho (Medeiros, 2010) “bem como o neologismo, pensados discursivamente, trabalham o efeito de língua já estabilizada: o neologismo, na medida em que é posto como aquilo que é novo em relação a uma língua em que se apresenta e ao mesmo tempo aquilo que a partir dela se articula; já o estrangeirismo, na medida em que é tratado como aquilo que advém de fora, de nação outra, e adentra uma língua outra. Ambos funcionam como elementos que servem para atestar a língua uma vez que repousam num imaginário de língua já construída [e fazem tal imaginário funcionar]. Tanto o neologismo quanto o estrangeirismo trabalham uma memória discursiva da língua”, ou, como diz Orlandi (1999), “o saber discursivo que torna possível todo dizer”. Apoiam-se, pois, em uma língua que ‘todo mundo sabe’ e, ao mesmo tempo, afirmam-na como já lá sendo uma língua. Se o neologismo expõe a falta interna à língua, ele também indica a potência da língua: capaz de criar sempre outras palavras. Já o estrangeirismo indica a presença pelo outro daquilo que não há na língua. As línguas se completam: é seu jogo. O estrangeirismo, à diferença do neologismo, indica por um lado a capacidade de absorção da alteridade – na medida em que o que vem de fora se acomoda à língua – e, por outro, a resistência da língua na língua, quando a palavra permanece em sua escrita estranha à língua que adentra.

O estrangeirismo tem condições de produção do qual faz parte, por exemplo, o lugar de onde provém. Estamos, com João Antonio, na segunda metade do século XX, em que o francês foi saindo dos currículos escolares e o inglês, como língua estrangeira, foi entrando e se fazendo disciplina regular.

Muito fica por dizer; não se pretende aqui uma análise exaustiva. Mas há algumas observações ainda serem feitas acerca do glossário nesta caderneta. Por exemplo, sobre a ilusão do sujeito do domínio no querer/fazer dizer. Se, como afirmou em cartas, o escritor pretendia capturar o que era próprio de um lugar como São Paulo, por que um verbete como o seguinte?

19. Massa = o mundo policial, em Belo Horizonte, é a torcida de futebol mais popular da cidade, a atleticana

Por que marca uma diferença em relação ao que ocorre na região paulistana? Ou será porque a divisão social na língua em solo brasileiro ultrapassa fronteiras geográficas?

Vejam, por fim, a singularidade de sua escrita, talvez a marca radical deste glossário. Nele, lacunas se pospõem a palavras e indicam a espera de algo que confira sentidos ou modos de usar aos significantes lá postos como verbetes; alguns presentes em dicionários, outros novos. Observem-se os exemplos a seguir:

- 20. Refresco =
- 21. Distinto =
- 22. Dégas =
- 23. Arrebite = pancada, surra; tira (planto-lhe um)

Os dois primeiros, refresco e distinto, constam de dicionários à época; já o terceiro, dégas, não. Os três estão lá à espera de sentidos que a definição teceria. Os três atestam a movência na língua. O quarto, arrebite, indica a gesto de apreensão que desliza: de pancada para surra, em que se intensifica e ao mesmo tempo se indica a impossibilidade de precisão; e de surra para tira, outra palavra não presente em dicionários neste campo semântico. Agora, ela vem com comentário indicando como usar (planto-lhe um), o que retira, para o leitor, a possibilidade de pensar no verbo tirar ou no substantivo polícia (tira pode significar polícia, como lemos em alguns dicionários).

Entre as colunas da direita e a da esquerda, tem-se o sinal de igual; um sinal que trabalha o efeito de igualdade daquilo que é diferente, afinal, só se marca como igual o que não é o mesmo. X não é Y, daí a necessidade de dizer $X = Y$. Um funcionamento que já faz parte do dicionário: a ilusão de coincidência de sentidos entre diferentes significantes...

Neste glossário, como já mostrado, duas escritas se alternam em tintas diferentes (vermelha e preta). E denunciam, com os espaços em branco, o gesto contínuo de recolha de um léxico (não há nenhuma palavra ou definição riscada). Esta é a marca que consideramos singular deste glossário: espaços em branco à espera; espaço de escuta... do outro. Eles dizem do gesto lexicográfico no fazer glossarístico. Os espaços em branco indicam a posição discursiva exterior, a posição do lexicógrafo que recolhe e acolhe outra língua, sem necessidade de compará-la, como se dissesse: é assim que se fala nestes lugares e é tudo.

Dissemos que o glossário elaborado pela posição do escritor funciona como um dizer a mais sobre a língua; julgamos que aqui, com este glossário que antecede à escrita, um movimento outro se inscreve: da captura do significante que circula nas ruas seguido de sua contenção que se inscreve na predicação do verbe. No entanto, aí mesmo, no lugar de contenção, o espaço se abre marcando a impossibilidade de tudo capturar, de tudo dizer...

REFERÊNCIAS

- Benoit, W. L. (1989). Attorney argumentation and Supreme Court Opinions. *Argumentation and advocacy*, 26(2), 22-38.
- Bezuidenhout, A. (2006). Consciousness and Language. *Language*, 82(4), 930-934. Doi: 10.1353/lan.2006.0184
- Authier-Revuz, J. (1998). *Palavras Incertas*. Campinas, SP: Unicamp.
- (2004). *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPURS.
- (2007). *Figures d'ajout: phrase, texte, écriture*. Paris: Presses Sorbonne.
- Auroux, S. (1992). *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas, São Paulo: UNICAMP.
- (1992a). Le processus de grammatisation et ses enjeux. Em Auroux, S., *Histoire des idées linguistiques* (11-64), tome 2, Liège: Pierre Mardaga.
- (1997). A hiperlíngua e a externalidade da referência. Em: Orlandi, E. (org.) *Gestos de leitura* (245-256). Campinas: UNICAMP.
- (1998). Língua e Hiperlíngua. *Revista Línguas e instrumentos lingüísticos*, 1, 17-31.
- (2008). Listas de palavras, dicionários e enciclopédias. O que nos ensinam os enciclopedistas sobre a natureza dos instrumentos lingüísticos. *Revista Língua e Instrumentos Linguísticos*, 20, 9-24.
- Buzzo, A. (2008). *Favela toma conta*. Rio de Janeiro: Aeroplano.
- João Antonio (2013). *Contos reunidos*. Rio de Janeiro: Cosacnaify.
- Medeiros, V. (2010). Jornal, arquivo e instrumento lingüístico. Em Mariani, B. e Medeiros, V. *Idéias Lingüísticas: formulação e circulação no período JK* (85-108). Campinas: RG e RJ: FAPERJ.
- (2012). Um glossário contemporâneo: a língua merece que se lute por ela. *Revista Rua*, 18 (online). Recuperado de: <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/pages/home/capaArtigo. rua?id=132>
- Medeiros, V e Mattos, T. (2012). O Dialeto Caipira, de Amadeu Amaral: Discurso Fundador e Acontecimento Discursivo. *Revista Confluências*, 42 (online). Recuperado de: <http://lp.bibliopolis.info/confluencia/>.
- Nunes, J. H. (2001). Um espaço ético para pensar os instrumentos lingüísticos: o caso do dicionário. Em Orlandi, E. (org.) *Política lingüística no Brasil* (164-182). Campinas, SP: Pontes.
- (2005). As palavras, o espaço e a língua: o vocabulário pernambucano. *Revista Língua e instrumentos lingüísticos*, 16, 43-56.
- (2006). *Dicionários no Brasil*. Campinas: Pontes Editores.
- (2008). Os Dicionários portugueses e a descolonização lingüística. *Revista Línguas e instrumentos lingüísticos*, 20, 25-40.
- (2008a). Uma articulação da análise de discurso com a história das ideias lingüísticas. *Revista Letras*, 37, 107-124.
- Nunes, J. H. e Petter, M. (2002). *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. Campinas: Pontes Editores.
- Orlandi, E. (1996). *Interpretação* (2a. ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- (1999). *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas, SP: Pontes.
- (org.). (2001). *História das idéias lingüísticas: construção do saber metalingüístico e constituição de língua nacional*. Campinas: Pontes Editores.
- (2007). Un pont c'est tout. Interdiscours, incompletude, textualisation. Em Authier-Revuz, J. & Lala, M. C. *Figures d'ajout: phrase, texte, écriture* (65-78). Paris: Presses Sorbonne Nouvelle.
- (2012). *Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia*. Campinas, SP: Pontes.
- Orlandi, E. e Pêcheux, M. (1998). *Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: ed. da Unicamp.
- Petri, V. e Medeiros, V. (2013). Da língua partida: nomenclatura, coleção de vocábulos e glossários brasileiros. *Revista Letras*, 46, 43-66.

SOBRE A AUTORA

Vanise Medeiros: Professora adjunta da Universidade Federal Fluminense com pós-doc pela Université Sorbonne Nouvelle, Paris III. Bolsista 2 do CNPq e Jovem Cientista do Estado (FAPERJ), integra e coordena, com Bethania Mariani, o Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS) da UFF. Além de artigos e capítulos de livros, publicou livros em parceria com Bethania Mariani (*Ideias linguísticas: formulação e circulação no período JK e Discurso e...*), com Bethania Mariani e Silmara Dela Silva (*Discurso, arquivo e...*) e com Bethania Mariani e Lucília Maria de Sousa Romão (*Dois campos em (des)enlaces: discursos em Pêcheux e Lacan*) e organizou, com Bethania Mariani, a Revista Gragoatá, no.34, da pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense (UFF), e com Verli Petri, a Revista Letras, no. 48, da Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Maria UFSM).